

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-270****FREQUÊNCIA DE HEPATOZOON CANIS EM CÃES IDENTIFICADOS NA CIDADE DE JATAÍ/GO**

Jéssica Bueno Guimarães<sup>1</sup>; Vera Lúcia Dias da Silva Fontana<sup>2</sup>; Sidney Aniceto Rezende Júnior<sup>3</sup>; Thays Nascimento Costa<sup>4</sup>; Jéssica Nayara Fritsch<sup>1</sup>; Lorrane Martins Silva<sup>1</sup>

1-Acadêmicas dos cursos de graduação de Medicina Veterinária e Enfermagem do Câmpus Jataí da Universidade Federal de Goiás-jessybueno92@gmail.com; 2-Professora do Curso de Medicina Veterinária/CAJ/UFG – cassiovera@ibest.com.br/(64) 3606-8224; 3-Técnico de Laboratório/CAJ/UFG; 4-Residente em Patologia Clínica Veterinária/CAJ/UFG

O presente trabalho verificou a frequência do *Hepatozoon canis* em amostras sanguíneas de cães da cidade de Jataí/GO, com técnica de pesquisa parasitológica em esfregaços sanguíneos e de papa leucocitária. O experimento foi executado no Laboratório de Análises Clínicas Veterinária do Câmpus Jataí da Universidade Federal de Goiás no período de agosto de 2012 a março de 2013, examinando amostras de sangue de 178 cães de ambos o sexo, de raças e idades diferentes e com suspeita de hemoparasitoses. As amostras sanguíneas foram acondicionadas em tubos com EDTA 5%, sendo uma gota/5mL de sangue. Procedeu a confecção dos esfregaços do sangue total e da papa leucocitária e na sequência a coloração com panótico. As lâminas foram observadas no microscópio binocular Nikon, sob a objetiva de 100x com óleo de imersão. Dos 178 cães examinados com suspeita clínica de hemoparasitose, 45 animais foram positivos para hemoparasitoses, sendo verificada no exame microscópico a presença de *Hepatozoon canis* em quatro indivíduos. O *Hepatozoon canis* tem sido descrito em cães de várias regiões do Brasil. Em 2006, na região periurbana de Pirai, Rio de Janeiro, foi observada uma frequência de 2,2%, inferior a obtida durante o presente trabalho, em áreas rurais do Rio de Janeiro no ano de 2001; foi registrada a frequência de 39,2%. Na cidade de Jataí, a frequência de *Hepatozoon canis* em esfregaços sanguíneos de cães foi de 8,88% (4/45). Sabendo-se que a parasitose é transmitida pelo carrapato *Rhipicephalus sanguineus* que parasita principalmente os cães, os cuidados com tratamento e controle deverão ser intensificados.

**Palavras-chave:** *Hepatozoon canis*, *Rhipicephalus sanguineus* e cão

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-271****FREQUÊNCIA DE INFECÇÃO POR FIV/FELV EM PACIENTES DO HV-ULBRA E SUAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS**

Juliana Pereira Matheus<sup>1</sup>; Paula Preussler dos Santos<sup>2</sup>; Letícia da Silva<sup>3</sup>; Diego Moreira Pujol<sup>3</sup>; Katiana Santos Stelmach Pereira<sup>4</sup>; Mariangela Allgayer<sup>5</sup>

1-Médica Veterinária Aluna do PPG – UFRGS. 2-Médica Veterinária Aluna do PPG – ULBRA/RS. 3-Acadêmico(a) do curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. 4-Acadêmica do curso de Biomedicina ULBRA/RS. 5-Médica Veterinária, PhD, Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. Email: paulapds@terra.com.br

Os vírus da imunodeficiência felina (FIV) e da leucemia felina (FeLV) causam uma grave imunodeficiência de curso crônico. A prevenção efetiva se dá através da vacinação, já que não existe cura definitiva, apenas tratamento de suporte que melhora a qualidade de vida do animal, a sua taxa de

sobrevivência e evita o aparecimento de doenças associadas. O diagnóstico da infecção baseia-se na detecção de antígenos para o FIV e anticorpos contra o FeLV em amostras de sangue, examinadas com um kit comercial de ensaio imunoenzimático. O presente trabalho investigou a frequência de casos clínicos de gatos diagnosticados para uma ou ambas as retrovirose, destacando as principais alterações hematológicas relacionadas à infecção viral nos felinos atendidos na rotina clínica do HV-ULBRA, durante o período de março a setembro de 2012. Os resultados obtidos revelaram que durante o período de estudo, foram testados 2,5% dos 1005 gatos atendidos no Hospital, dos quais 56% foram diagnosticados com uma ou ambas retrovirose, estando a infecção pelo FIV, pelo FeLV e a infecção pelos dois retrovírus presentes respectivamente em 14,3%, 71,4%, e em 14,3% dos casos diagnosticados. Verificou-se que dos 14 animais diagnosticados 58,3% eram machos, 83,3% eram felinos sem raça definida e 64,3% destes foram diagnosticados com idade inferior a quatro anos. Em relação às alterações hematológicas a anemia foi observada em 57,1% dos animais infectados. Destes, 87,5% apresentaram valores aumentados de RDW, VCH, CHCM e características morfológicas de esfregaço sanguíneo compatíveis com anemia regenerativa. Ao leucograma, 21,4% dos felinos apresentou leucopenia e a leucocitose esteve presente em 35,7%. Linfopenia e linfocitose apresentaram-se em 35,7% e 7,2% dos casos positivos, respectivamente. Até o presente momento, 35,8% dos animais diagnosticados vieram a óbito e os demais seguem em tratamento sintomático.

**Palavras-chave:** Felinos, FIV, FeLV, Hemograma.

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-272****GRAUS DE LUXAÇÃO PATELAR EM CÃES: FREQUÊNCIA E TRATAMENTOS**

Andrezza Cavalcanti de Andrade<sup>1</sup>; Amanda Karoline Rodrigues Nunes<sup>1</sup>; Adriana Gradela<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Discente do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, <sup>2</sup>Docente do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: andrezza.andrade@hotmail.com.br

Dentre as amplas anormalidades que acometem o joelho de cães, a luxação patelar tem sido a mais comum na ortopedia veterinária. A gravidade da patologia ocorre em diferentes graus, onde o grau I é o mais leve e o grau IV o mais grave, com claudicação nos casos mais graves. O tratamento para essa enfermidade pode ser conservador ou cirúrgico, a depender do grau de acometimento. O presente trabalho efetuou um levantamento das publicações científicas realizadas entre 2007 a 2012 sobre luxação patelar em cães e avaliou as ocorrências de luxação medial e lateral, frequência dos graus de luxação e os respectivos tratamentos empregados. Não foram consideradas raça, sexo, idade e a origem das lesões. Num total de 194 casos de luxação patelar, 65% (N= 126/194) foram de luxação patelar medial e 35% (N= 68/194) lateral. O grau de luxação patelar mais comum foi o grau II (52,6%, 102/194) e o menos comum o IV (14,4%, 28/194), enquanto que os graus I e III foram equivalentes (16,5%, 32/194). O tratamento cirúrgico mais utilizado nos graus I e II foi à superposição do retináculo lateral, muitas vezes associado à trocleoplastia. Já nos graus III e IV foram acrescentados a desmotomia, liberação do músculo quadríceps e transposição da crista tibial. Concluiu-se que a luxação patelar medial foi a mais comum e o grau II o mais frequente. Os resultados mostraram que o tratamento cirúrgico foi o mais indicado em todos os graus, contudo nos casos de luxação patelar de grau I, medial ou lateral, o método conservador pode ser utilizado, ao invés da prática cirúrgica.